MATTHEW SHIRTS

segunda-feira MATTHEW SHIRTS
LÚCIA GUIMARÃES
terça-feira ARNALDO JABOR
quarta-feira ROBERTO DAMATTA
quinta-feira LUIS FERNANDO VERISSIMO
sexta-feira IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO
MILTON HATOUM
sábado MARCELO RUBENS PAIVA
ADRIANA FALCÃO
domingo VERISSIMO
JOÃO UBALDO RIBEIRO
DANIEL PIZA

Quando todo mundo vendia fiado

A última vez que estive com Jorge Caldeira, a quem chamo de Cafu, tal como muita gente, foi em setembro de 2009, em um evento literário em Santos, A Tarrafa Literária. Na ocasião, jogamos juntos no time dos escritores contra o Bangu, uma equipe amadora antiga – lá da Vila Belmiro.

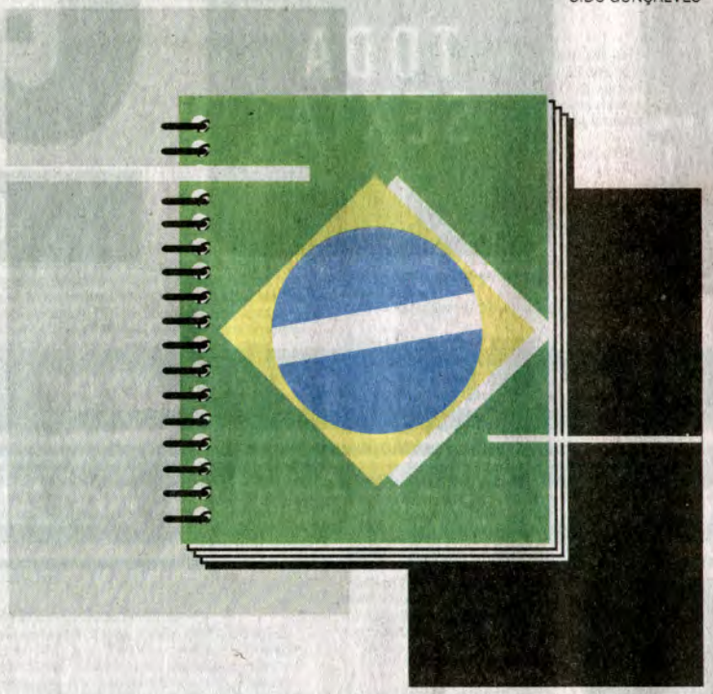
Sou amigo do Cafu desde quando cheguei a São Paulo para morar, lá se vão uns vinte e cinco anos. Depois do jogo em Santos saímos para tomar um chope. Ele conhece bem a cidade e me contou algumas histórias da região, mas queria mesmo era falar do novo livro dele. Trazia, confessou ali à mesa do bar, uma interpretação original do período colonial brasileiro e, com isso, uma nova maneira de entender o Brasil. É claro que Cafu não usava essas palavras. Mas o sentido era mais ou menos esse.

Fiquei curioso. E fiz uma anotação mental de não deixar de conferir o livro quando saísse. Poderia haver um pouco de exagero na sua autoavaliação. Este é um mecanismo de sobrevivência dos escritores. Mas eu já li quase toda a obra do Cafu e sempre vale a pena.

O livro saiu no finzinho do ano passado. Chama-se *História do Brasil – Com Empreendedores* e foi publicado pela editora Mameluco. Como disse, não falo com Cafu desde setembro. Mas estou terminando o livro e, sem exagero, poucas vezes na minha vida de brasilianista amador encontrei uma releitura da história do País tão inovador. Minha mulher, Luli, me proibiu de ler trechos em voz alta, para se ter uma ideia. Não aguenta mais.

Serei sucinto. Mas é preciso saber que a versão da História que se ensina em boa parte do Brasil é baseada na obra de Caio Prado Júnior, historiador marxista consagrado já em meados do século passado. Segundo ele, a história dos primeiros séculos do País é definida sobretudo pela exploração mercantil da colônia pela metrópole, do latifúndio escravista por uma pequena elite. O processo dependeu, segundo ele, sobretudo de grandes extensões de terra, muitos escravos e violência. Como explica Prado em uma das suas obras clássicas, *A Formação do Brasil Contemporâneo*: "Entre essas duas categorias nitidamente definidas (elite e escravos) compõe-se o número, que vai avultando com o tempo, dos desclassificados, dos inúteis, e inadaptados; indivíduos de ocupações mais ou menos incertas e aleatórias ou sem ocupação alguma. Aquele contingente vultuoso em que Couty veria 'o povo brasileiro' e que pela sua inutilidade daria como inexistente, resumindo a situação social naquela sentença que ficaria famosa: "Le Brésil n'a pas de peuple'." (O Brasil não tem povo).

CIDO GONÇALVES



Jorge Caldeira coloca tudo isso de cabeça para baixo no *História do Brasil – Com Empreendedores*. Diz que a terra no Brasil colônia valia pouco. O problema era conseguir mão de obra. Escravos africanos em grande número só vão chegar num primeiro momento às usinas de açúcar de Pernambuco e, depois, com o ciclo de ouro, a Minas Gerais. E eram caríssimos. A maioria dos donos tinha poucos escravos. A relação com os índios era mais complexa do que a de pura escravidão. O que existia, isto sim, era um mercado interno colonial baseado em trocas, contratos, dotes e pequenas propriedades – mas quase sem dinheiro circulante. Esse é um dos paradoxos do Brasil. Fez-se um mercado interno na colônia sem moeda. Daí a importância do fiado (é por isso, em parte, que as relações pessoais são tão importantes até hoje). Tanto é verdade, argumenta Cafu, que já à época da independência, a colônia (Brasil) era mais rica do que a metrópole (Portugal). O que, convenhamos, obriga a repensar antigas noções de dependência e outras teorias afins. (E, de quebra, como se não bastasse todo o resto, Cafu mostra como Caio Prado Júnior emprestou a própria noção de latifúndio, chave para sua interpretação, de Oliveira Vianna, autor corporativista da direita).

Em resumo, nas palavras do Caldeira: "Para avançar no conhecimento da sociedade colonial brasileira, é preciso entender como uma população analfabeta, mestiça, ignorada pelo poder público, fora dos planos da colonização e tratada com desprezo conseguiu fazer funcionar um mercado."

Tudo isso ajuda a explicar o papel das relações pessoais no Brasil de hoje, do vasilhame (até pouco tempo atrás), do fiado, do jeitinho. Enxerga-se nesta obra fantástica uma colônia que faz muito mais sentido à luz de hoje. Espero que seja lido por todos que se interessam pela história do Brasil. ●